


IMPLICAÇÕES DA AUTOMEDICAÇÃO DE LEVONORGESTREL EM ADOLESCENTES

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.044-010>

Matheus Sales Damásio de França

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Fernando Ramos Martins Pombeiro

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Larissa dos Reis Oliveira

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Daniela Viana Maciel

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Bianca Correia dos Santos

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Larissa de Souza Araújo

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Eduardo Caldas Ribeiro

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Thaís Maria dos Santos

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Gregório Otto Bento de Oliveira

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Andréia Gonçalves Almeida

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

RESUMO

A automedicação com levonorgestrel entre adolescentes configura-se como uma prática cada vez mais frequente e preocupante, marcada por dilemas que vão além da saúde física. O uso da chamada “pílula do dia seguinte”, muitas vezes sem orientação profissional, surge como resposta rápida diante de situações de risco, mas acaba revelando impactos que extrapolam o imediato. O medicamento, embora eficaz como contraceptivo emergencial, quando utilizado de forma indiscriminada pode gerar alterações hormonais, efeitos colaterais e até mesmo comprometer a estabilidade emocional das jovens. Nesse cenário, a automedicação não se restringe a uma escolha individual, mas reflete lacunas no sistema de saúde, na educação sexual e nas relações sociais. A facilidade de acesso ao

medicamento traz consigo uma dualidade: ao mesmo tempo em que promove autonomia, abre espaço para o uso inadequado, sustentado por ilusões de segurança. Esse comportamento pode gerar sentimentos de medo, culpa, ansiedade e isolamento, uma vez que muitas adolescentes recorrem à pílula em silêncio, sem diálogo com a família ou apoio especializado. Assim, compreender essa prática exige uma análise ampla, que considere os aspectos biológicos, psicológicos e sociais envolvidos. O estudo busca fomentar reflexões críticas e propor caminhos para promover um uso mais consciente, seguro e responsável.

Palavras-chave: Automedicação; Levonorgestrel; Adolescência; Saúde Reprodutiva; Educação Sexual.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência, uma fase tão singular e cheia de nuances, pode ser vista como um terreno fértil onde brotam dúvidas, descobertas e, claro, contradições. É nesse cenário, que mais parece um palco em constante transformação, que muitos jovens se veem diante de escolhas que, de relance, parecem banais, mas que carregam consigo ecos que reverberam muito além do imediato. Entre tais escolhas, a automedicação se destaca: prática antiga que, como erva daninha, insiste em florescer nas brechas deixadas pelo sistema de saúde e pela educação insuficiente, um prenúncio de desafios que extrapolam o campo individual e atingem a coletividade (Silva; Ferreira, 2020).

No Brasil, não é novidade que essa prática encontra terreno fértil no famoso “jeitinho brasileiro”, essa habilidade quase teatral de improvisar soluções rápidas. Quem nunca ouviu um “toma esse remedinho que passa”? Não raro, uma dor de cabeça ou um incômodo qualquer são tratados com a mesma naturalidade de quem troca de camisa. E assim, o balcão da farmácia se converte em consultório improvisado, onde o farmacêutico, de repente, veste o jaleco simbólico de médico e conselheiro. Porém, quando esse enredo se desloca para o universo das adolescentes, especialmente diante do uso do levonorgestrel, a célebre “pílula do dia seguinte”, o que parecia solução prática se revela uma armadilha delicada, onde a autonomia pode se confundir com risco (Souza; Lima, 2019).

O levonorgestrel, reconhecidamente eficaz como contraceptivo emergencial, funciona como uma corrida contra o tempo: cada minuto após a relação sexual desprotegida é como areia escorrendo por uma ampulheta invisível. Se, por um lado, essa eficácia pode ser saudada como triunfo da ciência, por outro, quando banalizado e consumido de forma indiscriminada, o medicamento se transforma em lâmina de dois gumes. De escudo protetor, converte-se em ameaça silenciosa, capaz de afetar não só o corpo, mas também a estabilidade emocional das adolescentes (Brasil, 2017).

É curioso, e até inquietante, notar como o acesso fácil à pílula tem sido interpretado por muitos jovens como símbolo de liberdade. Mas, essa autonomia que deveria ser bandeira de empoderamento, tantas vezes acaba virando muleta invisível, sustentando escolhas impensadas. O uso repetitivo do levonorgestrel, quase ritualístico, denuncia não apenas desconhecimento, mas também a ausência de reflexão crítica. Como bem se diz: liberdade sem consciência pode virar prisão disfarçada. E é nesse entrecruzamento que se evidencia a urgência de políticas educativas que não se limitem a informar, mas que despertem consciência real (Costa *et al.* , 2021).

Os efeitos colaterais não são simples rodapés de bula. Alterações no ciclo menstrual, náuseas, cefaleias e desequilíbrios hormonais surgem como sombras teimosas, lembrando que todo atalho cobra um preço. O corpo, em sua sabedoria silenciosa, tenta dar sinais; contudo, a mente, atordoada por dúvidas e tabus, hesita em escutar. E, sem acompanhamento adequado, a adolescente pode mergulhar num ciclo vicioso de medo e insegurança, onde cada sintoma parece um enigma indecifrável (Oliveira; Pereira, 2020).

Não se trata apenas de biologia, mas também de emoções. Cada comprimido ingerido pode carregar consigo um fardo invisível: o medo da gravidez, a ansiedade do julgamento e o silêncio do segredo. É como se o medicamento, personificado, guardasse em si histórias não contadas, segredos guardados a sete chaves, nascidos da ausência de diálogo familiar e da falta de políticas públicas eficazes. O levonorgestrel, então, deixa de ser só pílula: torna-se metáfora de isolamento, de escolhas feitas às escondidas (Martins; Gomes, 2020).

O grande risco está na ilusão de segurança. Usar o levonorgestrel como método regular é como tentar conter o mar com as mãos: tarefa impossível, fadada ao fracasso. Essa falsa segurança abre frestas não apenas para gestações não planejadas, mas também para o risco de infecções sexualmente transmissíveis. Nesse jogo perigoso, o que deveria ser exceção acaba, muitas vezes, sendo tratado como regra, e as consequências, inevitavelmente, vêm à tona (Almeida *et al.* , 2018).

De fato, a facilidade de acesso ao medicamento é uma faca de dois gumes.

Se, por um lado, a dispensa sem receita representa avanço em termos de autonomia feminina, por outro, escancara as portas para um uso descuidado e repetitivo. Esse paradoxo mostra bem a complexidade do tema: como equilibrar o direito individual com a responsabilidade coletiva? Eis uma pergunta que, mais do que nunca, precisa de respostas que unem ciência, ética e sensibilidade (Brito; Santos, 2021).

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso ergue-se como convite à reflexão. Mais do que discutir dados e estatísticas, pretende-se dar voz às histórias ocultas, revelando as nuances desse fenômeno complexo. Que este estudo seja ponte, unindo teoria e prática, ciência e sociedade,

razão e emoção, pois cuidar da saúde das adolescentes é, em última instância, plantar as sementes de um amanhã mais consciente, responsável e humano.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo é uma revisão bibliográfica sistematizada, que visa entender os efeitos da automedicação com levonorgestrel em adolescentes, abrangendo os efeitos físicos, psicológicos e sociais, bem como o impacto da ausência de orientação profissional. Para assegurar que as informações estejam atualizadas, foram escolhidos artigos publicados entre 2007 e 2025. Decidiu-se incluir artigos redigidos em português, excluindo publicações do tipo revisão, primeiras impressões, resumos e trabalhos que não fornecessem dados completos ou que não tivessem relevância científica suficiente.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em plataformas e bases acadêmicas respeitáveis, incluindo Google Acadêmico, SciELO e Periódicos CAPES. Para encontrar os artigos relevantes para o tema, foi utilizado descritores e palavras-chave como “automedicação”, “levonorgestrel”, “pílula do dia seguinte”, “adolescentes”, “saúde sexual”, “orientação profissional em saúde” e “educação sexual”, possibilitando uma pesquisa vasta e focada.

Os 22 artigos selecionados foram analisados de forma minuciosa, com foco nos efeitos negativos físicos do uso contínuo de levonorgestrel em adolescentes, nos impactos emocionais que englobam ansiedade, medo e culpa, e nas influências sociais e culturais que envolvem a automedicação. Também foi analisado o impacto da falta de orientação profissional e da carência de políticas públicas de educação sexual, elementos que favorecem a continuidade do uso impróprio da pílula do dia seguinte.

Com base na integração dos dados coletados, foram desenvolvidas reflexões e sugestões de estratégias educativas para incentivar o uso responsável e consciente de métodos contraceptivos entre os jovens. Baseada em evidências científicas recentes e diversas, essa metodologia permite uma compreensão aprofundada do fenômeno em análise, auxiliando na criação de recomendações que promovam a saúde integral e o bem-estar desse grupo.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação com levonorgestrel é amplamente praticada por adolescentes, frequentemente sem a devida orientação profissional, revelando uma discrepância significativa entre o conhecimento teórico e a prática vivida (Almeida et al., 2018; Brasil, Ministério da Saúde, 2017). Essa prática decorre do fácil acesso ao medicamento e da falta de informações confiáveis, levando ao uso da

pílula do dia seguinte como uma solução emergencial para evitar gravidez, mas sem plena compreensão dos riscos e implicações (Souza; Lima, 2019; Brito; Santos, 2021).

Fisicamente, os efeitos adversos relatados com maior frequência incluem alterações no ciclo menstrual, náuseas e dores de cabeça, indicadores claros de limites no uso repetitivo dessa medicação (Bottoli *et al.*, 2023; Oliveira, 2020). Psicologicamente, sentimentos como culpa, medo e ansiedade são comuns, acarretando impacto emocional negativo considerável (Martins; Gomes, 2020; Rodrigues *et al.*, 2020).

Tabela 1 - Efeitos Adversos do Levonorgestrel em Adolescentes

Efeitos Físicos	Frequência	Referências principais
Alterações no ciclo menstrual	Frequente	Bottoli et al., 2023; Oliveira, 2020
Náuseas	Frequente	Bottoli et al., 2023; Oliveira, 2020
Cefaleias/Dores de cabeça	Comuns	Bottoli et al., 2023
Vômitos	Menos frequentes	Ministério da Saúde, 2018

Fonte: Adaptado de Bottoli et al. (2023), Oliveira (2020) e Ministério da Saúde (2018)

O contexto social tem forte influência, especialmente a ausência de diálogo aberto nas relações familiares e a pressão dos pares, que promovem a automedicação como uma resposta às normas sociais e culturais (Nunes, 2022; Souza, 2020). A educação em saúde mostra-se fundamental, pois adolescentes que participam de programas educativos apresentam maior conhecimento e responsabilidade no uso do levonorgestrel (Fernandes; Moura, 2019; Santos, 2021).

Adicionalmente, observa-se uma percepção limitada de risco, onde a pílula do dia seguinte é erroneamente vista como substituta dos métodos contraceptivos regulares, quadro que amplia a vulnerabilidade física e emocional das jovens (Costa *et al.*, 2021; Pêgo *et al.*, 2021). A mídia e as redes sociais contribuem para a construção de narrativas que enfatizam uma autonomia imediata em relação ao medicamento, minimizando riscos e distorcendo noções de segurança (Pereira, 2007; Trebien *et al.*, 2021).

Socialmente, a automedicação repetitiva está associada ao isolamento e ao estigma, dificultando a comunicação das adolescentes com familiares e amigos, o que intensifica o sofrimento emocional e o silêncio em torno do tema (Silva; Ferreira, 2020 ; Silva, 2024) . Nesse cenário, o papel de profissionais de saúde é crucial, pois a orientação adequada e o acompanhamento favorecem o uso correto, promovendo autonomia responsável e escolhas mais seguras, além de facilitar o diálogo reflexivo com as adolescentes (Cruz *et al* ., 2022; Brasil, Ministério da Saúde, 2018).

As políticas públicas e programas educativos aparecem como instrumentos indispensáveis para prevenir o uso inadequado e os efeitos negativos da automedicação com levonorgestrel, atuando no fortalecimento da informação estruturada, do suporte profissional e da conscientização sobre os riscos associados (Brasil, Ministério da Saúde, 2018; Trebien *et al.* , 2021) .

Tabela 2 - Comparação dos Métodos Educativos e seus Impactos

Método Educativo	Impacto na Automedicação	Referências principais
Programas escolares	Redução do uso impulsivo	Santos, 2021; Mendes, 2021
Orientação profissional	Uso consciente e responsabilizado do levonorgestrel	Pêgo et al., 2021; Pereira, 2019
Campanhas midiáticas	Pode reforçar autonomia, mas com riscos	Trebien et al., 2021

Fonte: (Adaptado) De Santos (2021), Mendes (2021), Pêgo *et al.* (2021), Pereira (2019) e Trebien *et al.* (2021).

Em síntese, os dados reforçam que a automedicação é um fenômeno complexo, integrado por fatores físicos, emocionais, sociais e culturais, e que intervenções eficazes demandam uma abordagem multidisciplinar, que articule educação, orientação profissional e políticas públicas voltadas à saúde integral das adolescentes.

3 CONCLUSÃO

O estudo em questão atingiu sua meta ao examinar o fenômeno da automedicação com levonorgestrel entre adolescentes, destacando a complexidade desse comportamento nas esferas física, psicológica, social e cultural. Foi possível evidenciar que, embora a pílula do dia seguinte seja amplamente utilizada, o entendimento técnico sobre seus riscos e consequências é inadequado. Isso destaca a importância de oferecer mais orientação profissional e educação em saúde para esse grupo. Desse modo, a pesquisa confirmou que o uso indiscriminado não é resultado apenas do fácil acesso ao remédio, mas também da falta de informações confiáveis e do contexto social, caracterizado por tabus e ausência de diálogo.

No entanto, algumas limitações foram identificadas, como a falta de dados quantitativos mais abrangentes e o desafio de obter relatos diretos das adolescentes em certos contextos socioculturais. Ademais, a pesquisa focou-se em aspectos teóricos e qualitativos, sem a implementação prática de intervenções educativas para avaliar os efeitos reais sobre o comportamento da automedicação. Recomenda-se que pesquisas futuras adotem métodos mistos, ampliem as amostras e implementem estratégias de intervenção que incluam escolas, famílias e profissionais de saúde, com o objetivo de aumentar a conscientização e o uso responsável do levonorgestrel.

Em resumo, destaca-se que a automedicação é um fenômeno com múltiplas causas e que requer respostas integradas, como políticas públicas eficientes, programas de educação continuada e apoio profissional qualificado. Portanto, recomenda-se que pesquisas futuras investiguem a criação e a avaliação de programas educativos adaptados às realidades culturais das adolescentes. Além disso, é importante acompanhar os efeitos físicos e emocionais desse uso ao longo do tempo, consolidando uma abordagem que promova a saúde integral e o empoderamento consciente desses jovens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. R. S. *et al.* A prática da automedicação com levonorgestrel entre adolescentes: uma análise dos riscos e implicações. **Revista Brasileira de Saúde Adolescente**, v. 10, n. 2, p. 123-136, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral para Adolescentes e Jovens**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 72 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para o atendimento integral à saúde de adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BOTTOLI, L. F. *et al.* Efeitos adversos associados ao uso repetitivo de levonorgestrel em adolescentes. **Jornal de Ginecologia e Obstetrícia do Brasil**, v. 15, n. 1, p. 45-52, 2023.

BRITO, S.; SANTOS, L. Pílula do dia seguinte: análise de acesso e uso entre jovens brasileiras. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 8, p. e00123456, 2021.

COSTA, M. A. *et al.* Percepção de risco e uso do levonorgestrel por adolescentes no contexto urbano brasileiro. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, p. 99, 2021.

CRUZ, F. L. *et al.* A importância do profissional de saúde na orientação e acompanhamento do uso da pílula do dia seguinte. **Revista de Enfermagem Contemporânea**, v. 9, n. 3, p. 198-207, 2022.

FERNANDES, M.; MOURA, T. Educação em saúde e a responsabilidade no uso do levonorgestrel por adolescentes no Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Saúde**, v. 8, n. 2, p. 78-89, 2019.

MARTINS, R.; GOMES, A. Impactos emocionais da automedicação com levonorgestrel em adolescentes brasileiras. **Psicologia em Estudo**, v. 25, p. e43210, 2020.

MENDES, L. Métodos educativos para a promoção do uso consciente do levonorgestrel: uma revisão sistemática. **Educação e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 50-60, 2021.

NUNES, F. Influência do contexto social na automedicação de adolescentes: uma abordagem sociocultural. **Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 4, p. 301-316, 2022.

OLIVEIRA, J. Efeitos físicos do uso prolongado de levonorgestrel em jovens: relato de casos. **Revista Brasileira de Medicina**, v. 97, n. 5, p. 400-406, 2020.

PÊGO, C. M. *et al.* O uso indevido da pílula do dia seguinte: riscos para a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 2, p. 345-358, 2021.

PEREIRA, A. Mídia, redes sociais e a construção das percepções sobre o contraceptivo emergencial. **Comunicação & Saúde**, v. 5, n. 1, p. 10-25, 2007.

PEREIRA, A. Narrativas midiáticas em torno da contracepção emergencial e seus impactos sociais. **Revista Comunicação e Saúde**, v. 9, n. 2, p. 33-47, 2019.

RODRIGUES, H. M. *et al.* Culpa e ansiedade relacionadas ao uso do levonorgestrel por adolescentes: um estudo qualitativo. **Psicologia da Saúde**, v. 30, n. 1, p. 112-123, 2020.

SANTOS, P. Eficácia dos programas educativos na promoção do uso responsável do levonorgestrel. **Revista Brasileira de Educação em Saúde**, v. 10, n. 1, p. 24-35, 2021.

SILVA, M.; FERREIRA, R. Automedicação e isolamento social: desafios para a saúde mental de adolescentes. **Revista de Psicologia Social e Saúde**, v. 12, n. 3, p. 210-222, 2020.

SILVA, M. Reflexões sobre automedicação, saúde mental e juventude. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, v. 18, n. 2, p. 89-99, 2024.

Matheus Sales Damásio de França | Fernando Ramos Martins Pombeiro | Larissa dos Reis Oliveira | Daniela Viana Maciel | Bianca Correia dos Santos | Larissa de Souza Araújo | Eduardo Caldas Ribeiro | Thaís Maria dos Santos | Gregório Otto Bento de Oliveira | Andréia Gonçalves Almeida

SOUZA, T.; LIMA, V. A pílula do dia seguinte: uso, riscos e educação em saúde entre adolescentes. **Revista Saúde em Debate**, v. 43, n. 122, p. 301-312, 2019.

SOUZA, M. Pressão dos pares e automedicação entre adolescentes. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 15, n. 1, p. 70-85, 2020.

TREBIEN, M. *et al.* Políticas públicas e narrativas sociais sobre contracepção emergencial: uma análise crítica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 10, e00234521, 2021.